


INTERVENÇÕES EDUCATIVAS EM SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL I EM ESCOLAS PÚBLICAS: UMA REVISÃO DE ESCOPO

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.038-005>

Ana Beatriz Bomfim de Almeida

Jomária Alessandra Queiroz de Cerqueira Araujo

Lucas Simões

Laise Monteiro Campos Moraes

Leila Valverde Ramos

RESUMO

INTRODUÇÃO: A educação em saúde é considerada essencial no desenvolvimento infantil, sendo recomendado que o Ensino Fundamental I a inclua no currículo escolar de pré-adolescentes e crianças. Neste contexto, é importante que a escola adote uma abordagem educativa para promover o conhecimento e a sensibilização sobre a saúde em um contexto mais amplo, que inclua tanto a escola como a família. **OBJETIVOS:** Realizar uma revisão de escopo sobre a influência de intervenções educativas em saúde no desenvolvimento de estudantes do Ensino Fundamental I de escolas públicas. **METODOLOGIA:** Realizou-se uma revisão de escopo em junho de 2024. Os descritores utilizados foram "Anatomia", "Desenvolvimento infantil", "Educação em Saúde" e "Intervenção educacional", bem como os termos equivalentes em inglês, combinados utilizando os operadores booleanos AND e OR. A busca foi conduzida nas bases de dados Scielo, Pubmed, Public Knowledge Project, Pesquisa, Ciência e Saúde e Eric. Foram incluídos na revisão artigos experimentais publicados entre 1994 e 2024, sem restrição de idiomas. Os critérios de inclusão envolveram estudos que abordassem temas relacionados à anatomia, desenvolvimento infantil, educação em saúde ou intervenção educacional. Artigos que não detalharam a metodologia ou não foram realizados em ambiente escolar foram excluídos. **RESULTADOS:** A busca nas bases de dados resultou em 20 artigos, dentre os quais, 12 foram selecionados para a inclusão, sendo 5 da Scielo, 2 da Pubmed, 3 do Public Knowledge Project, 1 da Pesquisa, Ciência e Saúde e 1 da Eric. O presente estudo revelou que, considerando o recorte temporal da pesquisa, há uma escassez de publicações sobre a temática, o que torna este estudo ainda mais relevante. A inclusão de temas relacionados à educação em saúde no currículo do Ensino Fundamental I é crucial para o desenvolvimento integral das crianças e dos pré-adolescentes. Os estudos destacam a importância de abordagens educativas que promovem o conhecimento e a conscientização sobre saúde, anatomia e bem-estar, considerando o contexto escolar e familiar. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Infere-se que a adição de temáticas em educação e saúde no Ensino Fundamental I pode ser benéfica para o desenvolvimento físico, mental e social dos alunos e de suas comunidades. As estratégias educativas devem ser adaptadas para serem culturalmente relevantes e acessíveis, garantindo que os alunos possam aplicar o conhecimento adquirido em suas vidas diárias.

Palavras-chave: Anatomia. Desenvolvimento Infantil. Educação em Saúde. Intervenção educacional.



1 INTRODUÇÃO

A educação em saúde é considerada essencial no desenvolvimento infantil (UNICEF, 2001; UNESCO, 2002). Por isso, é recomendado que o Ensino Fundamental I a inclua no currículo escolar de pré-adolescentes e crianças. Neste contexto, é importante que a escola adote uma abordagem educativa para promover o conhecimento e a sensibilização sobre a saúde em um contexto mais amplo que inclua tanto a escola, como a família, assim como outras instituições ligadas às ciências da saúde, como as faculdades e universidades, afinal, como afirma o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), as crianças e os adolescentes são considerados como sujeitos de direito, sendo-lhes garantida a proteção integral e, portanto,

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 1991. p. 9).

Nesta conjuntura, o valor da educação para a saúde, durante a infância, não pode ser subestimado, pois esta fase é crítica para estabelecer padrões de saúde que repercutem na qualidade de vida. Neste sentido, as estratégias de abordagem, as parcerias institucionais e comunitárias e a diversificação das temáticas de saúde devem apresentar formatações que agreguem distintas necessidades e contextos em razão de uma formação para a vida. O desenvolvimento do indivíduo como resultado de um sistema educacional baseado em conceitos tradicionais (empíricos) é inadequado, porque a tarefa da educação é formar pessoas críticas que possam pensar, propor e agir de acordo com diferentes visões de mundo (FORNAZIERO, 2009).

Intervenções educativas na infância e na juventude, por meio da educação em saúde, precisam abordar aspectos como cuidados de higiene, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), educação para a sexualidade e violência, além da prevenção ao uso de drogas (lícitas e ilícitas). Além disso, inculcar a promoção da atividade física direcionada aos indivíduos em idade escolar primária, associada à educação postural, pode ser vista como uma ação que auxiliará a função locomotora por toda a vida (ARAÚJO, 2012).

A simples implementação de programas educativos sobre higiene das mãos também é capaz de influenciar positivamente a saúde dos estudantes e de suas famílias, bem como da comunidade onde estão inseridos (COSTA, 2023). Por exemplo, a implementação de programas de higiene nas escolas, como higiene corporal e das mãos, é uma estratégia indispensável na promoção da saúde (FERNANDES, 2009) e para a superação de estados de emergência sanitárias como o vivido em 2020, por ocasião da Pandemia de Covid 19. Já a inclusão da educação em saúde mental nas escolas emerge como uma ferramenta crucial para capacitar as crianças a compreenderem e gerenciarem suas emoções,



fornecendo habilidades e estratégias que promovem uma base sólida para sua saúde mental ao longo da vida (ROCHA, 2024).

Neste percurso, o acesso a noções básicas de anatomia e fisiologia também permitem que as crianças compreendam como seus corpos funcionam, pois o estudo do corpo humano nos anos iniciais do Ensino Fundamental pode instigar os estudantes, estimulando-os a questionar e voltar seu olhar para seu próprio corpo, que está em fase de constantes mudanças, e ampliar conhecimentos científicos previamente adquiridos (RABELLO, 1994).

Essas noções facilitam o ensino de primeiros socorros básicos e auxiliam na capacitação da criança a reagir adequadamente em situações de emergência. Este conhecimento pode ser vital em momentos críticos, como em momentos de parada cardiorrespiratória, promovendo a segurança pessoal e a capacidade de ajudar os outros (AMERICAN HEART ASSOCIATION, 2020). Ademais, o aprendizado anatômico pode auxiliar a prevenir abusos, já que as crianças passam a conhecer sobre as partes do corpo e os limites corporais, de modo a promover uma compreensão saudável. Elas aprendem que têm o direito de recusar toques indesejados e a importância de respeitar os limites das pessoas (UNICEF, 2021). Por isso, programas de prevenção de abusos sexuais devem fazer parte do currículo escolar.

Quando abordada de maneira adequada e sensível, a educação sobre o próprio corpo fornece às crianças as ferramentas necessárias para reconhecer, resistir e relatar comportamentos abusivos. Por isso, a promoção de um ambiente de confiança nas escolas, em que as crianças saibam que podem comunicar qualquer situação desconfortável sem medo de punição, é crucial para a prevenção da violência e o fortalecimento da segurança e, conseqüentemente, para a promoção do equilíbrio emocional infantil, tão indispensável para o desenvolvimento das faculdades cognitivas.

É essencial que as crianças saibam comunicar qualquer situação desconfortável a um adulto de confiança (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, 2023) e que este adulto esteja habilitado para identificar, acolher e orientar as crianças e suas famílias a encontrarem o equilíbrio emocional e a segurança, seja pela educação em saúde, seja pelo acesso aos órgãos e instituições responsáveis pela garantia dos direitos da pessoa humana. Neste aspecto, a educação em saúde pode contribuir para que as crianças saibam que não serão punidas por relatar atos desrespeitosos de terceiros e para que se sintam seguras para buscar ajuda. Sendo assim, a existência e a disponibilidade de educadores bem preparados é fundamental para o ensino dos conceitos relativos à saúde e bem-estar. Eles devem ter recursos e estratégias adequadas para abordar temas sensíveis e identificar sinais. À vista disso, implementar políticas claras de proteção à criança nas escolas garante que todos saibam como proceder em casos de denúncia de abusos (GUASTAFERRO et al., 2024).

Os pais também desempenham um papel vital na educação em saúde de seus filhos. Portanto, programas educacionais que envolvam os pais, fornecendo-lhes informações para discutir saúde,

prevenção de abusos e mitos acerca do tema são essenciais. Estas políticas criam um ambiente seguro e de confiança.

Neste sentido, a educação em saúde nas escolas pode ser uma ferramenta poderosa não só para o desenvolvimento emocional e físico das crianças mas, para o seu desenvolvimento social, posto que ela permite que as crianças se aproximem dos profissionais de saúde, o que pode despertar nelas o interesse pelo estudo das ciências da saúde, já que, ao introduzir conteúdos relevantes sobre prevenção de doenças, cuidados com a saúde e hábitos saudáveis, as intervenções educacionais criam um espaço de interação entre alunos e profissionais, facilitando o acesso das crianças a informações científicas e metodológicas que, de outra forma, poderiam ser desconhecidas e, nesta perspectiva, a participação ativa em atividades práticas, como palestras, dinâmicas ou visitas a unidades de saúde, pode despertar vocações nas crianças para as áreas da biomedicina, enfermagem, medicina e outros campos da saúde, favorecendo a formação de uma nova geração mais consciente e interessada em contribuir para o desenvolvimento dessas áreas.

Ademais, atividades de educação em saúde estimulam a curiosidade e o engajamento das crianças com as ciências, contribuindo para a compreensão da importância da pesquisa e da evidência científica na resolução de problemas cotidianos, cultivando uma postura crítica e investigativa que é fundamental para o seu desenvolvimento acadêmico e pessoal, especialmente em escolas públicas onde o acesso a recursos e ambientes adequados ao desenvolvimento científico são escassos (SENA, 2014).

Sob esses vieses, a educação em saúde no Ensino Fundamental I é necessária para o desenvolvimento integral das crianças, pois, pode promover hábitos saudáveis, através da compreensão do corpo humano, as habilidades sociais e éticas, e a capacidade de prevenir e denunciar abusos, o que contribui para a criação de uma base sólida para uma vida adulta saudável e consciente. Investir na educação em saúde de forma precoce, portanto, é uma estratégia essencial para construir uma sociedade mais informada e responsável (UNESCO, 2002; UNICEF, 2001). Dessa forma, este estudo justifica-se pela necessidade de investigar como a educação em saúde pode contribuir para a formação integral das crianças, sendo o objetivo avaliar o impacto dessas intervenções no desenvolvimento físico, social e mental dos estudantes do Ensino Fundamental I.

2 MÉTODOS

Realizou-se uma revisão de escopo da literatura em junho de 2024, selecionando 12 artigos. A busca foi conduzida nas bases de dados *Scielo*, *Pubmed*, *Public Knowledge Project*, *Pesquisa, Ciência e Saúde* e *Eric*. Os descritores utilizados foram "Anatomia", "Desenvolvimento infantil", "Educação em Saúde" e "Intervenção educacional", bem como seus termos equivalentes em inglês. Esses descritores foram combinados utilizando os operadores booleanos AND e OR.

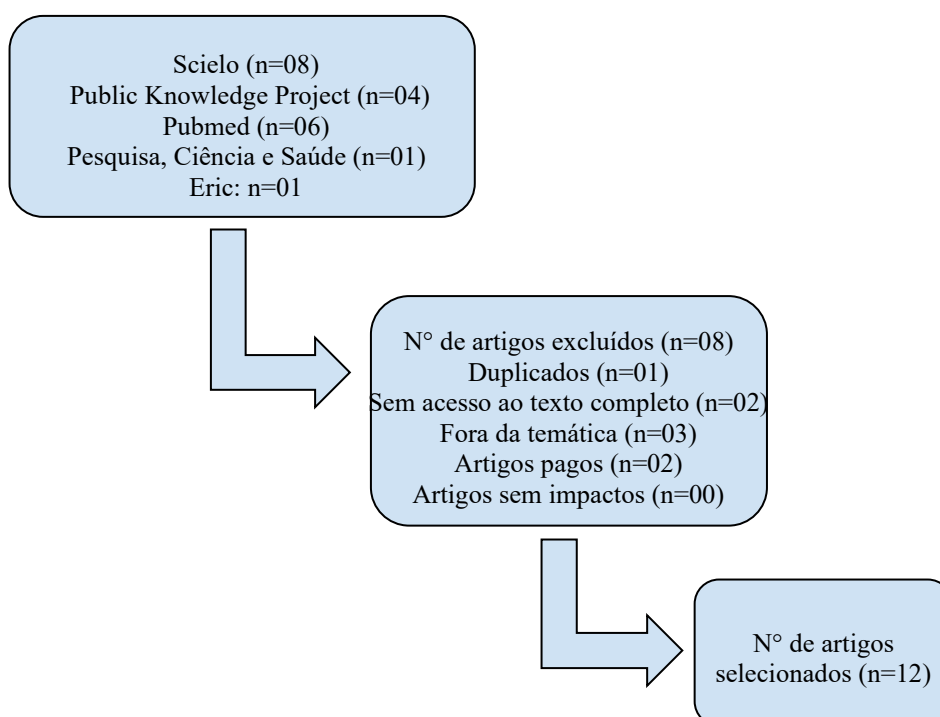
Foram incluídos artigos experimentais publicados entre 1994 e 2024, sem restrição de idiomas. Para a seleção dos estudos, foram adotados os seguintes critérios de inclusão: abordagem do tema relacionado à anatomia, desenvolvimento infantil, educação em saúde ou intervenção educacional. Artigos que não se enquadraram nesses critérios foram excluídos.

Após a busca inicial, os títulos e resumos dos artigos foram revisados para determinar a relevância de cada estudo em consonância com os objetivos propostos pela revisão em tela. Os artigos selecionados foram então lidos na íntegra para uma avaliação mais detalhada. Além disso, foram realizadas buscas manuais em bibliografias de artigos relevantes para identificar estudos adicionais que poderiam ser incluídos.

3 RESULTADOS

A busca nas bases de dados resultou em 20 artigos, dos quais 12 foram selecionados para a presente revisão, sendo 5 da *Scielo*, 2 da *Pubmed*, 3 do *Public Knowledge Project*, 1 da Pesquisa, Ciência e Saúde e 1 da *Eric*. A estratégia de busca e seleção dos artigos está demonstrada na Figura 1. A revisão de escopo revelou que a integração de temas de educação em saúde no currículo do Ensino Fundamental I é importante para o desenvolvimento integral das crianças e pré-adolescentes. Os estudos incluídos destacam a importância de abordagens educativas que promovem conhecimento e conscientização sobre saúde, anatomia e bem-estar, considerando o contexto escolar e familiar, como exposto no Quadro 1.

Figura 1. Fluxo de busca e seleção de artigos para a revisão de escopo



Fonte: Autoria própria, 2024.

Quadro 1. Intervenções educativas em saúde no Ensino Fundamental I e possíveis impactos no desenvolvimento dos estudantes

AUTORES	ANO	INTERVENÇÃO/TEMÁTICA	RESULTADOS/IMPACTOS
Araújo	2012	Educação em saúde e anatomia	Contribui significativamente para o conhecimento e bem-estar dos alunos.
Arsolino Almeida	2022	Atividades lúdicas e interativas na educação em saúde	Impacto significativo no aprendizado e na promoção de hábitos saudáveis.
Costa et al.	2023	Atividades lúdicas e interativas (jogos e oficinas)	Promovem aprendizagem e engajamento dos estudantes.
Engers et al.	2023	Estratégias educativas culturalmente relevantes	Facilitam a aplicação do conhecimento adquirido no dia a dia dos alunos.
Fernandes et al.	2009	Avaliações periódicas e programas preventivos	Envolvem alunos, pais e professores na promoção de saúde postural.
Fornaziero et al.	2010	Integração de ensino de anatomia, meio ambiente e saúde	Abordagem holística que enriquece o aprendizado e promove a saúde pública
Kawamoto, Campos	2014	Integração escola e família no processo educativo	Promove sensibilização e conhecimento sobre saúde e anatomia.
Menotti et al.	2018	Educação postural para crianças e adolescentes	Posturas inadequadas podem levar a problemas de saúde; a intervenção visa prevenir esses problemas.
Rocha, Vechia, Martins	2018	Abordagem educativa que valoriza a prática e a saúde integral	Educação em saúde como processo contínuo e crítico para a construção de identidade e promoção de hábitos saudáveis.
Saccomanno et al.	2023	Promoção da saúde oral nas escolas	Crianças aprendem com sucesso sobre higiene dental por meio de sessões interativas.
Taylor et al.	2017	Corpo humano e interação com o ambiente	Tornam o ensino de anatomia mais relevante e aplicável à realidade social.
Vieira, Castro	2018	Inclusão de educação em saúde no Ensino Fundamental I	Recomendação para incluir saúde no currículo escolar, reforçando seu impacto no desenvolvimento infantil.

Fonte: Autoria própria, 2024.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados desta revisão reiteram a importância da educação em saúde como um pilar no desenvolvimento integral das crianças. A implementação de programas educativos sobre higiene das mãos, educação nutricional, atividade física e saúde mental nas escolas são exemplos práticos de como a educação em saúde pode ser incorporada ao currículo escolar (RABELLO, 1994).

O impacto de intervenções educativas em saúde no aprendizado e desenvolvimento de estudantes não devem ser consideradas apenas como uma simples transferência de conhecimento. Em vez disso, deve ser visto como uma oportunidade para criar uma experiência de aprendizagem significativa e transformadora para os educandos. Isto sugere a adoção de uma abordagem de ensino



mais centrada no aluno, a qual é moldada para satisfazer as necessidades, estilos de aprendizagem e interesses individuais, adaptando-se assim para criar um impacto na curiosidade, criatividade e autonomia dos alunos através do seu envolvimento como agentes ativos na sua própria aprendizagem.

Alguns estudos relatam resultados contrários ao esperado em programas de promoção da saúde nas escolas, que podem apresentar resultados limitados ou até negativos. Esses resultados podem ser atribuídos a fatores estruturais, como a falta de engajamento de múltiplos grupos. Intervenções que focam exclusivamente nas crianças, sem envolver outros grupos, como pais e professores, tendem a ter resultados mais restritos. A inclusão de múltiplos provedores, como especialistas externos, e de diferentes grupos-alvo é essencial para gerar impactos mais significativos (ZURC, 2023).

Ademais, intervenções curtas ou sem seguimento adequado muitas vezes não resultam em efeitos sustentáveis. Estudos mostram que intervenções com apenas um segmento, realizado muito tempo após o término, têm menor sucesso na manutenção dos benefícios (ZURC, 2023). Finalmente, barreiras estruturais, como a falta de tempo no currículo escolar e a pressão por resultados em disciplinas centrais, como matemática e leitura, reduzem o tempo disponível para intervenções de saúde, comprometendo sua eficácia (PEREIRA, 2015).

Além disso, a discussão sobre a integração do ensino da anatomia com questões ambientais e de saúde pública destaca a importância de uma educação contextualizada e relevante para a vida dos educandos. Isso envolve não apenas fornecer informações teóricas, mas também capacitá-los com habilidades práticas e conhecimentos que possam ser aplicados em suas comunidades e no mundo real. Ao conectar o aprendizado acadêmico com experiências do mundo real, os alunos são incentivados a se tornarem cidadãos críticos, reflexivos e engajados em questões sociais e de saúde (FORNAZIERO, 2009).

Sendo assim, o ensino de anatomia no Ensino Fundamental I pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento integral das crianças, promovendo o autoconhecimento e a compreensão das funções corporais. Essa abordagem desperta a curiosidade científica e ensina práticas preventivas de saúde que impactam positivamente a rotina infantil. Atividades didáticas, como oficinas de primeiros socorros e dinâmicas sobre postura corporal e funcionamento dos órgãos, tornam o aprendizado significativo e prático. Estudos mostram que essa abordagem não apenas melhora a compreensão anatômica, mas também reforça habilidades críticas para o cotidiano das crianças, como autonomia e tomada de decisões conscientes (TAYLOR et al., 2017; ABDELLATIF et al., 2022).

A promoção da saúde oral e postural, por sua vez, não deve restringir-se apenas a uma questão de ensinar técnicas corretas, mas também de cultivar hábitos saudáveis e comportamentos preventivos desde cedo, o que requer uma abordagem multidisciplinar, que envolve não apenas profissionais de saúde, mas também educadores, pais e outros membros da comunidade. Ao criar uma cultura de saúde



dentro e fora da escola, podemos fornecer aos alunos as ferramentas e o apoio necessário para adotarem estilos de vida saudáveis e sustentáveis ao longo de suas vidas (SACCOMANNO, 2023).

Sendo assim a discussão proposta por esta investigação evidencia que a educação em saúde vai além do ensino de conceitos teóricos; ela deve ser uma experiência transformadora que capacita as crianças a gerenciarem suas emoções, compreender seu corpo em constante mudança e aplicar conhecimentos científicos em suas vidas diárias (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, 2023). Desta forma, a inclusão de noções básicas de anatomia e fisiologia, por exemplo, permite que as crianças não apenas aprendam sobre seu corpo, mas também desenvolvam habilidades para reagir em situações de emergência e compreendam a importância do respeito aos limites corporais (RABELLO, 1994).

Sob essa ótica, a combinação entre ensino de anatomia e questões de saúde pública amplia o impacto educacional ao oferecer um contexto prático e socialmente relevante. Por meio de exemplos concretos, como os efeitos do saneamento básico na saúde coletiva ou a relação entre nutrição e anatomia funcional, os alunos compreendem a conexão entre o corpo humano e os fatores ambientais. Além disso, essas práticas interdisciplinares estimulam reflexões sobre cidadania e responsabilidade social, preparando os estudantes para atuarem como agentes transformadores em suas comunidades (FORNAZIERO, 2009; HEPTONSTALL et al., 2016; TAYLOR et al., 2017).

Neste aspecto, é evidente que compreender o funcionamento do corpo humano é essencial para fortalecer a autoestima das crianças, especialmente durante as fases de mudanças corporais, como a puberdade, pois, a educação anatômica acessível e contextualizada contribui para a redução de inseguranças por favorecer um espaço seguro para discussões sobre limites corporais, consentimento e respeito mútuo. Essas iniciativas promovem não apenas o aprendizado, mas também o desenvolvimento emocional e social, ao estabelecer uma cultura escolar mais acolhedora e inclusiva (ASRI, 2024).

Neste sentido, a educação sexual, quando abordada de maneira adequada, fornece ferramentas essenciais para o reconhecimento, resistência e relato de comportamentos abusivos, promovendo um ambiente seguro e de confiança. (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, 2023). A participação dos pais e a preparação dos educadores são cruciais para o sucesso dessas iniciativas, garantindo que as políticas de proteção à criança sejam efetivamente implementadas.

Nesta perspectiva, além de transferir conhecimento, as intervenções educativas em saúde devem ser vistas como oportunidades para criar experiências significativas e transformadoras para os alunos. Uma abordagem centrada no aluno, adaptada às suas necessidades, estilos de aprendizagem e interesses individuais, é fundamental. Isso envolve atividades interativas e lúdicas que incentivam a curiosidade, criatividade e autonomia dos estudantes (ENGERS, 2023), o que suscita maior envolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

As evidências dispostas nos artigos investigados apontam também que, apesar das limitações encontradas em algumas escolas, como a falta de recursos didáticos e tempo restrito no currículo, estratégias inovadoras têm permitido superar esses desafios. Nessas experiências, recursos acessíveis, como aplicativos educacionais, materiais recicláveis e modelos anatômicos impressos em 3D, tornam o aprendizado mais dinâmico e inclusivo. Para Wang et al. (2024) e Grimwood et al. (2020), ferramentas como realidade aumentada e jogos interativos também oferecem experiências imersivas que potencializam o engajamento dos estudantes, enquanto estratégias híbridas aumentam a compreensão teórica e prática, sendo recursos que fortalecem o raciocínio crítico dos alunos (NAIDOO et al., 2021).

Posto isto, as tecnologias ativas têm se destacado como ferramentas transformadoras na educação. Métodos como salas de aula invertidas e a integração de plataformas digitais foram amplamente utilizados durante a pandemia de COVID-19, o que promoveu um maior engajamento estudantil e contribuiu para melhores resultados de aprendizagem (GRAFFAM et al., 2007; NICHAT, 2023). Esses métodos incentivam a colaboração, a autoavaliação e a construção do conhecimento, aproximando os alunos da realidade (HURTUBISE, 2015).

Diante do exposto, os resultados apresentados reforçam a visão de que a educação em saúde deve ser uma jornada contínua de descoberta e reflexão crítica, envolvendo professores e alunos em um processo colaborativo que respeita e valoriza as realidades sociais das populações estudadas (RABELLO, 1994). Assim, destaca-se a importância de uma abordagem mais centrada no aluno e contextualizada na educação em saúde e anatomia. Ao promover experiências de aprendizado significativas, conectar o ensino acadêmico com questões do mundo real e cultivar a cultura de cuidados à saúde, pode-se capacitar os alunos a se tornarem não apenas aprendizes, mas também agentes de mudança em suas comunidades e na sociedade em geral (ENGERS, 2023).

Portanto, essas informações são fundamentais para o desenvolvimento dos alunos por meio da educação, permitindo que eles não apenas assimilem conhecimentos, mas também os disseminem nos contextos em que vivem. Dessa forma, deixam de ser meros receptores de informações e passam a atuar como agentes transformadores da realidade, desempenhando um papel essencial na construção de comunidades mais conscientes e saudáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração de temas de educação em saúde no currículo do Ensino Fundamental I é essencial para o desenvolvimento holístico de crianças e pré-adolescentes. Essa abordagem educativa é capaz de promover conhecimento sobre saúde, anatomia e bem-estar, preparando-os para uma vida saudável e responsável. Além de contribuir para o conhecimento acadêmico, as intervenções educativas também podem impactar positivamente o bem-estar emocional e social dos alunos. A relevância cultural dessas



estratégias é crucial para relacionar o conhecimento com experiências cotidianas e, a formação dos profissionais da educação é fundamental para implementá-las eficazmente. Em suma, a inclusão de temáticas em educação em saúde no Ensino Fundamental I é uma base importante para o desenvolvimento das crianças e pré-adolescentes, capacitando-os a contribuir positivamente com a sociedade.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram ausência de conflitos de interesse.



REFERÊNCIAS

ABDELLATIF, H. et al. Teaching, learning and assessing anatomy with artificial intelligence: The road to a better future. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 19, n. 21, p. 14209, 2022. DOI: 10.3390/ijerph192114209.

ARAÚJO, M. P. D. et al. Contribuição de diferentes conteúdos das aulas de educação física no ensino fundamental I para o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 18, n. 3, p. 153–157, 2012. DOI: 10.1590/S1517-86922012000300002.

ARSOLINO, A. C. et al. As estratégias para o ensino do corpo humano. *Revista Científica Multidisciplinar*, v. 3, n. 1, p. e311152, 2022. DOI: 10.47820/recima21.v3i1.1152.

ASRI, R. et al. Comfort levels and experiences of middle school and high school age children in anatomical donor-based anatomy outreach sessions. *Anatomical Sciences Education*, v. 17, n. 5, p. 1026–1037, 2024. DOI: 10.1002/ase.2430.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

COSTA, G. M. et al. Atividade lúdica com robô para higienização das mãos de estudantes do ensino fundamental: estudo quase-experimental. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 44, 2023. DOI: 10.1590/1983-1447.2023.20220344.pt.

ENGERS, P. B. et al. Estratégias de educação em saúde nos anos iniciais do Ensino Fundamental: um estudo de revisão integrativa. *Revista Sustinere*, v. 11, n. 1, p. 56–79, 2023. DOI: 10.12957/sustinere.2023.55927.

FALKENBERG, M. B. et al. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. *Ciencia & Saude Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 847–852, 2014. DOI: 10.1590/1413-81232014193.01572013.

FERNANDES, P. S. et al. Evaluating the effect of nutritional education on the prevalence of overweight/obesity and on foods eaten at primary schools. *Jornal de Pediatria*, v. 85, p. 315–321, 2009. DOI: 10.2223/JPED.1917.

FORNAZIERO, C. C. et al. O ensino da anatomia: integração do corpo humano e meio ambiente. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 34, n. 2, p. 290–297, 2010. DOI: 10.1590/S0100-55022010000200014.

GRAFFAM, B. Active learning in medical education: Strategies for beginning implementation. *Medical Teacher*, v. 29, n. 1, p. 38–42, 2007. DOI: 10.1080/01421590601176398.

GRIMWOOD, T.; SNELL, L. The use of technology in healthcare education: a literature review. *MedEdPublish*, v. 9, n. 1, 2020. DOI: 10.15694/mep.2020.000137.1.

GUASTAFERRO, K. et al. Adapting a selective parent-focused child sexual abuse prevention curriculum for a universal audience: A pilot study. *PloS one*, v. 19, n. 5, p. e0302982–e0302982, 2024. DOI: 10.1371/journal.pone.0302982.

HEPTONSTALL, N. B.; ALI, T.; MANKAD, K. Integrating radiology and anatomy teaching in medical education in the UK—The evidence, current trends, and future scope. *Academic Radiology*, v. 23, n. 4, p. 521–526, 2016. DOI: 10.1016/j.acra.2015.12.010.



HURTUBISE, L. et al. The flipped classroom in medical education: Engaging students to build competency. *Journal of Medical Education and Curricular Development*, v. 2, p. JMECD.S23895, 2015. DOI: 10.4137/JMECD.S23895.

MENOTTI, J. et al. A importância da educação postural evitando situações que possam afetar a saúde de crianças e adolescentes em idade escolar. *Revista Perspectiva: Ciência e Saúde*, v. 3, p. 12-23, n. 2, 2018. Disponível em: <https://cientifica.cnec.br/index.php/revista-perspectiva/article/view/78/79>.

NAIDOO, N. et al. Design, implementation, and evaluation of a distance learning framework to adapt to the changing landscape of anatomy instruction in medical education during COVID-19 pandemic: A proof-of-concept study. *Frontiers in Public Health*, v. 9, 2021. DOI: 10.3389/fpubh.2021.726814.

NICHAT, A. et al. Flipped classrooms in medical education: Improving learning outcomes and engaging students in critical thinking skills. *Cureus*, v. 15, n. 11, 2023. DOI: 10.7759/cureus.48199.

PERERA, T. et al. Improving nutrition education in U.S. Elementary schools: challenges and opportunities. *Journal of Education and Practice*, v. 6, n. 30, p. 41–50, 2015. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1081364>.

ROCHA, G. C. D. et al. Promovendo o bem-estar infantil através de educação em saúde mental para crianças de escola municipal: um relato de experiência. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 7, n. 3, p. e69720–e69720, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n3-119.

SACCOMANNO, S. et al. The importance of promoting oral health in schools: a pilot study. *European Journal of Translational Myology*, v. 33, n. 1, p. 11158, 2023. DOI: 10.4081/ejtm.2023.11158.

SENA. O financiamento da Educação de qualidade. *Revista Educação e Políticas em Debate*, Uberlândia, v.3, n.2, p.268_290, 2014.

TAYLOR, A. M. et al. What do the public know about anatomy? Anatomy education to the public and the implications. *Anatomical Sciences Education*, v. 11, n. 2, p. 117–123, 2017. DOI: 10.1002/ase.1746.

VIEIRA, L. M. D. P. et al. Estudo da anatomia humana: um relato de experiência. *Perquirere*, v. 15, n. 4, p. 62–74, 2018. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/perquirere/article/view/3252>.

KAWAMOTO, E. M. et al. Histórias em quadrinhos como recurso didático para o ensino do corpo humano em anos iniciais do Ensino Fundamental. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 20, p. 147–158, 2014. DOI: 10.1590/1516-731320140010009.

WANG, J. et al. 3D visualization technology for learning human anatomy among medical students and residents: a meta- and regression analysis. *BMC Medical Education*, v. 24, n. 1, 2024. DOI: 10.1186/s12909-024-05403-4.

ZURC, J. et al. Effectiveness of health promotion interventions in primary schools – A mixed methods literature review. *Healthcare*, v. 11, n. 13, p. 1817–1817, 2023. DOI: 10.3390/healthcare11131817.